



BILHETES PARA SOY LUNA JÁ À VENDA

O espetáculo "Soy Luna Live" é só a 20 de janeiro de 2018, no Meo Arena, em Lisboa, mas desde ontem já é possível adquirir bilhetes, com preços entre os 35 e os 75 euros. Estão previstos dois horários nesse dia: às 15 e às 19 horas.

artes

etc.

Os amores de Pedro e Inês têm nova cara

Cinema Diogo Amaral e Joana de Verona no novo filme de António Ferreira

Carina Fonseca
cultura@jn.pt

● Já são conhecidos os atores que vão interpretar Pedro e Inês, no filme homónimo de António Ferreira, baseado no romance "A trança de Inês", de Rosa Lobato de Faria. Diogo Amaral e Joana de Verona dão corpo aos protagonistas daquela mítica história de amor, que o realizador conimbricense considera a versão portuguesa de "Romeu e Julieta", mas "muito mais brutal". Ou não envolvesse corações arrancados e beijos da corte a uma mão defunta – a obra segue o mito, não o rigor histórico.

As filmagens de "Pedro e Inês" começam no próximo dia 20 e centram-se em Coimbra, tendo como cenários a Quinta das Lágrimas e a Sé Velha, mas passam também por Montemor-o-Velho, Lousã e Cantanhede. A ação desenrola-se em três épocas: Idade Média, atualidade e futuro distópico (numa comunidade rural). Em cada uma dessas eras, o casal apaixonava-se de uma forma descontrolada, enfrentando tabus.



Diogo Amaral e Joana de Verona são Pedro e Inês, cuja história de amor trágica atravessa três épocas e é rodada em Coimbra

Amor, morte e psiquiatria

As narrativas entrelaçam-se pela voz de Pedro, que, internado num hospital psiquiátrico por viajar de carro com o cadáver de Inês, recorda três vidas, saltando de uma para a outra como se fossem a mesma. "São três histórias, mas não repetimos a história nos três tempos", explicou António Ferreira ao JN. As histórias "vão ressoando umas nas outras", funcionando como uma só.

Entre os atores escolhidos para esta adaptação do livro de Rosa Lobato de Faria, sobre a atemporalidade do amor e da paixão, estão ainda João Lagarto e Custódia Gallego, na pele de Afonso e Beatriz, pais de Pedro; Vera Kolodzig, no papel de Constança; Cristóvão Campos, como Estêvão, fiel escudeiro e amigo de Pedro; e Miguel Borges, que interpreta Pero Coelho, um dos assassinos de Inês.

A autora de "A trança de Inês",



Vera Kolodzig na pele de Constança



João Lagarto é Afonso, pai de Pedro

falecida em 2010, ainda leu a primeira versão do guião, até porque o filme – uma produção feita em parceria com França e Brasil, com estreia prevista para 2018 – começou a ser pensado há dez anos.

António Ferreira, que já havia manifestado a intenção de fazer um filme "moderno" e com "apelo juvenil", está satisfeito com o elenco da sua terceira longa-metragem, depois de "Embargo" (2010) e "Esquece tudo o que te disse" (2002). A começar pelo par principal: "É uma combinação não muito comum. Quero bons atores, que me sirvam os papéis. Procuo sempre a questão visual: o rosto, a expressão têm de me trazer logo uma parte do personagem".

"Um ator não pode pedir mais"

Ao JN, Diogo Amaral, cujo percurso tem estado muito ligado à televisão, fala do sonho de fazer cine-

ma (tem um novo filme em cartaz, "Perdidos", com realização de Sérgio Graciano e produção de Leonel Vieira). E também da responsabilidade que sente ao encarnar Pedro – e logo em três épocas.

"É um privilégio poder interpretar um personagem histórico e o maior romance da História de Portugal", diz. "Acho que nunca tinha sonhado com uma coisa tão grande como a que está a acontecer!". Para Diogo Amaral, o papel, num filme em que, para mais, vai estar rodeado de atores que admira, é "um presente". "Um ator não pode pedir mais. Acho que nunca nenhum desafio profissional me deixou tão entusiasmado e tão apavorado, pela enorme responsabilidade que é. Acho que esta história é quase melhor do que o 'Romeu e Julieta'. Quase nem acredito. Às vezes, acho que me estão a mentir", graceja. ●



"Fazer aqui um festival literário é uma ousadia", diz Alegre

FREIXO DE ESPADA À CINTA O arrojado de haver um festival literário em Freixo de Espada à Cinta foi notado por Manuel Alegre – "é uma ousadia fazê-lo aqui" –, primeiro laureado com o prémio Guerra Junqueiro, instituído no festival que terminou anteontem, na terra natal do poeta falecido em 1923 e que durante o século XIX foi uma voz de resistência.

"Um homem que fez a revolução republicana antes de esta ser feita", lembrou Alegre, também ele poeta que toca a política e a resistência, e que defende a reintrodução do poeta freixenista no Plano Nacional de Leitura. "Deve ser apolojado", referiu.

O inusitado prémio foi entregue a Alegre num dos concelhos mais despovoados do país, onde o município decidiu apostar num evento em torno do poeta, é para a autarca Local, Céu Quintas, uma forma de mostrar que "o interior resiste e consegue fazer coisas".

Alegre surpreendeu-se com o prémio. "A escrita de Junqueiro é muito diferente da minha. Do ponto de vista poético não tenho inspiração junqueiriana. Temos algo em comum, ele foi deputado e eu também, ambos nos envolvemos no combate político".

Apesar de Freixo de Espada à Cinta parecer um local improvável para juntar nomes mediáticos, na verdade o festival atraiu personalidades como Mário Cláudio, Isabel Alcáda, João Gubern ou Nuno Rogeiro, que não só levaram Junqueiro para o centro da discussão como reencontraram o seu lado visionário e crítico sobre o caminho de Portugal, que se tem cumprido. GLÓRIA LOPES